LUZITANIA
CANOA DE TOLDA
SOCIEDADE SÓCIOAMBIENTAL DO BAIXO SÃO FRANCISCO

Projeto Canoa de Tolda

Restauro e armação da canoa de tolda Luzitânia

Iniciativa
Reconhecida
Prêmio
Cultura Viva

Patrocínio e apoio cultural

Balsa
Estrela Guia

Chico Bento
Navegação Fluvial

Computec

Fazenda
Engenho
Conceição

Lancha
Luz do Dia

Oficina
do Junior

Radio
Jaciobá FM

O nome Canoa de Tolda

Pela força do significado da maior e mais tradicional embarcação do Baixo São Francisco, a **canoa de tolda:** símbolo dos tempos de fartura, quando dezenas e dezenas de canoas deste tipo navegavam entre a praia e o alto sertão, ligando as cidades e povoados, repletas de mercadorias, levando e trazendo todo tipo de gente, viajantes, cangaceiros, comerciantes, noticias, recados, bichos, carregando a bordo os santos, o Bom Jesus dos Navegantes nas procissões, os sanfoneiros tocando.

As canoas de tolda conferiam à paisagem da região uma visão até hoje lembrada com saudade e emoção pelas mulheres e pelos homens que paravam seus afazeres para assistir suas passagens, subindo ou descendo o São Francisco, a pano ou na vara, no rio de cima e no rio de baixo.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

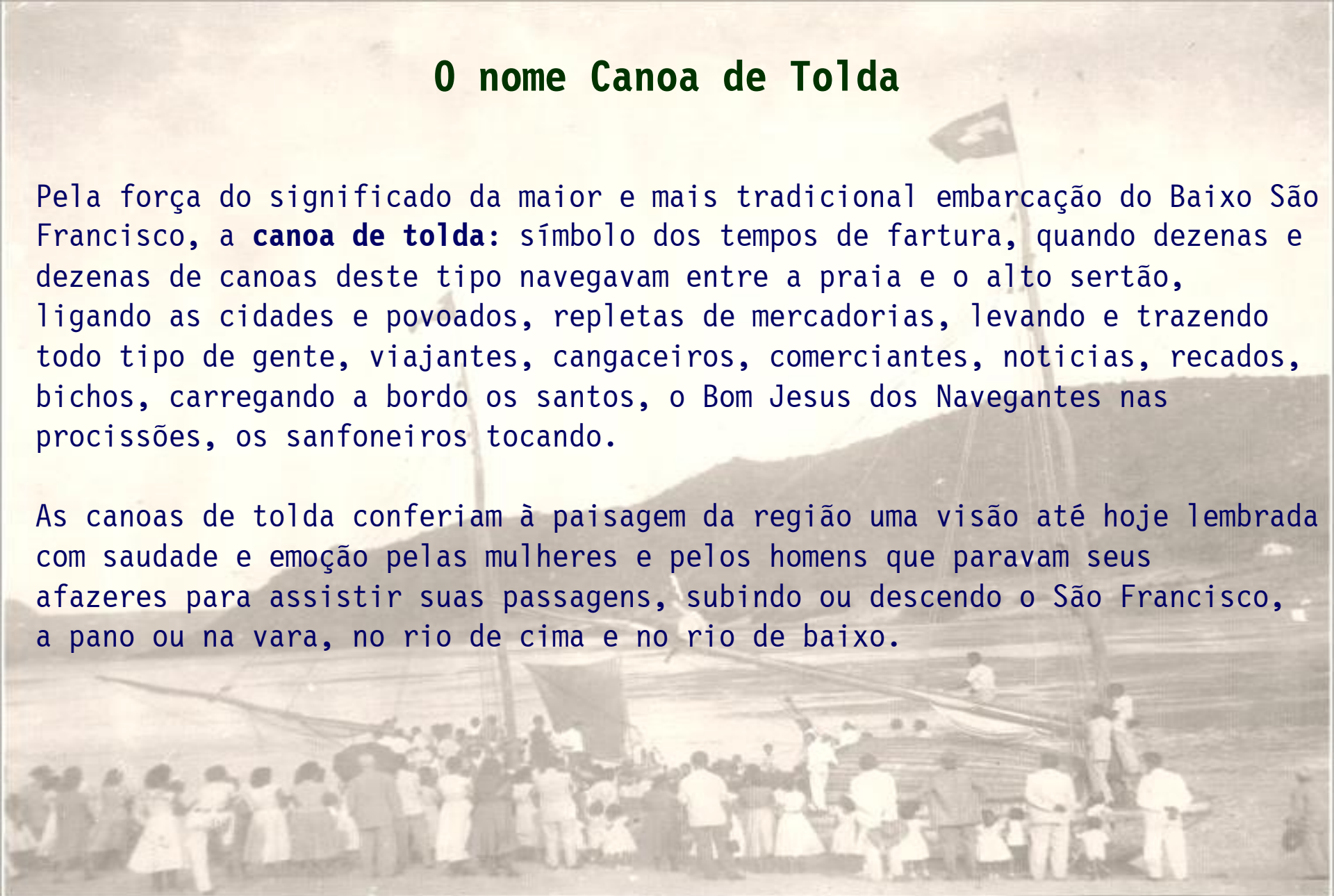
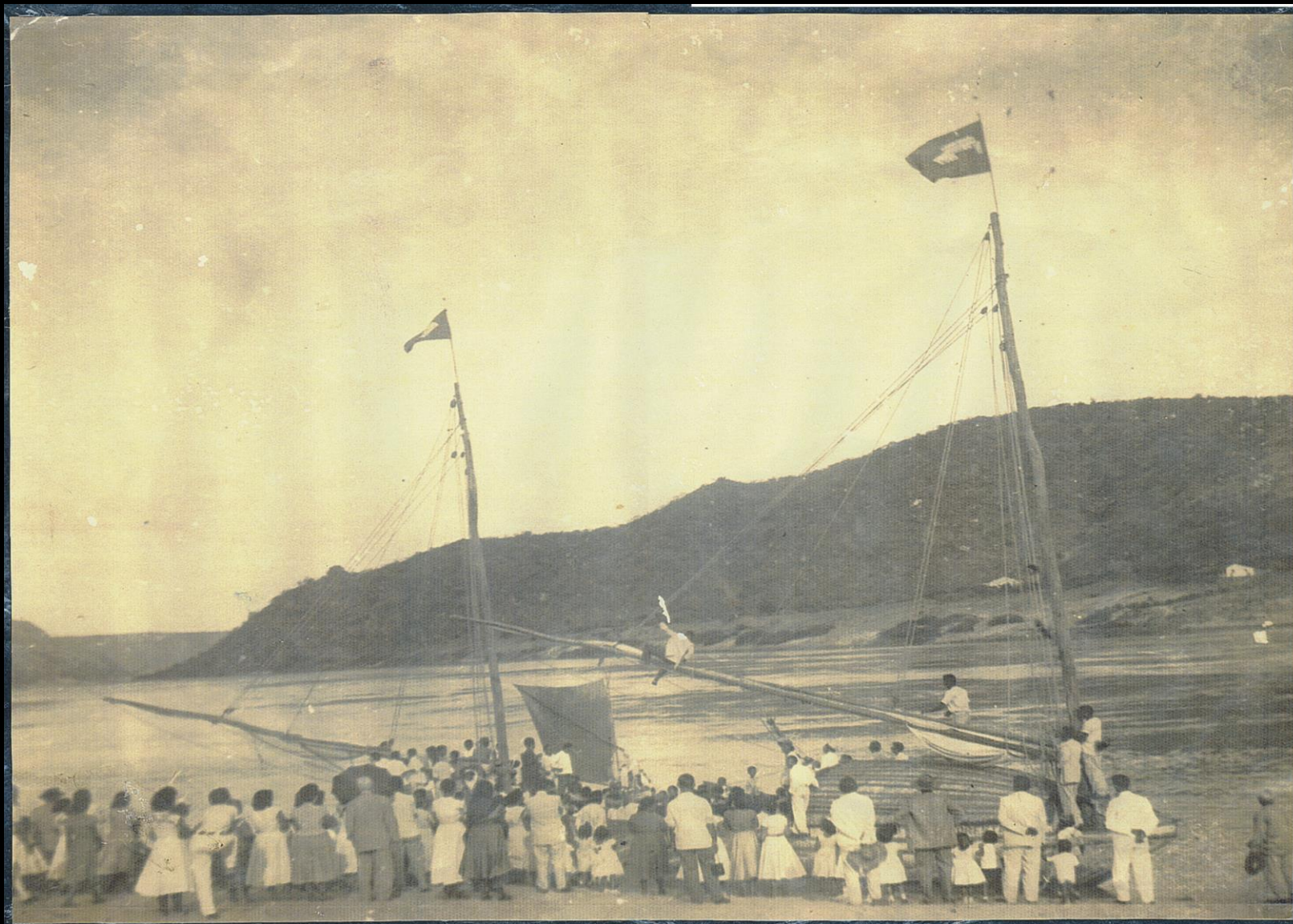
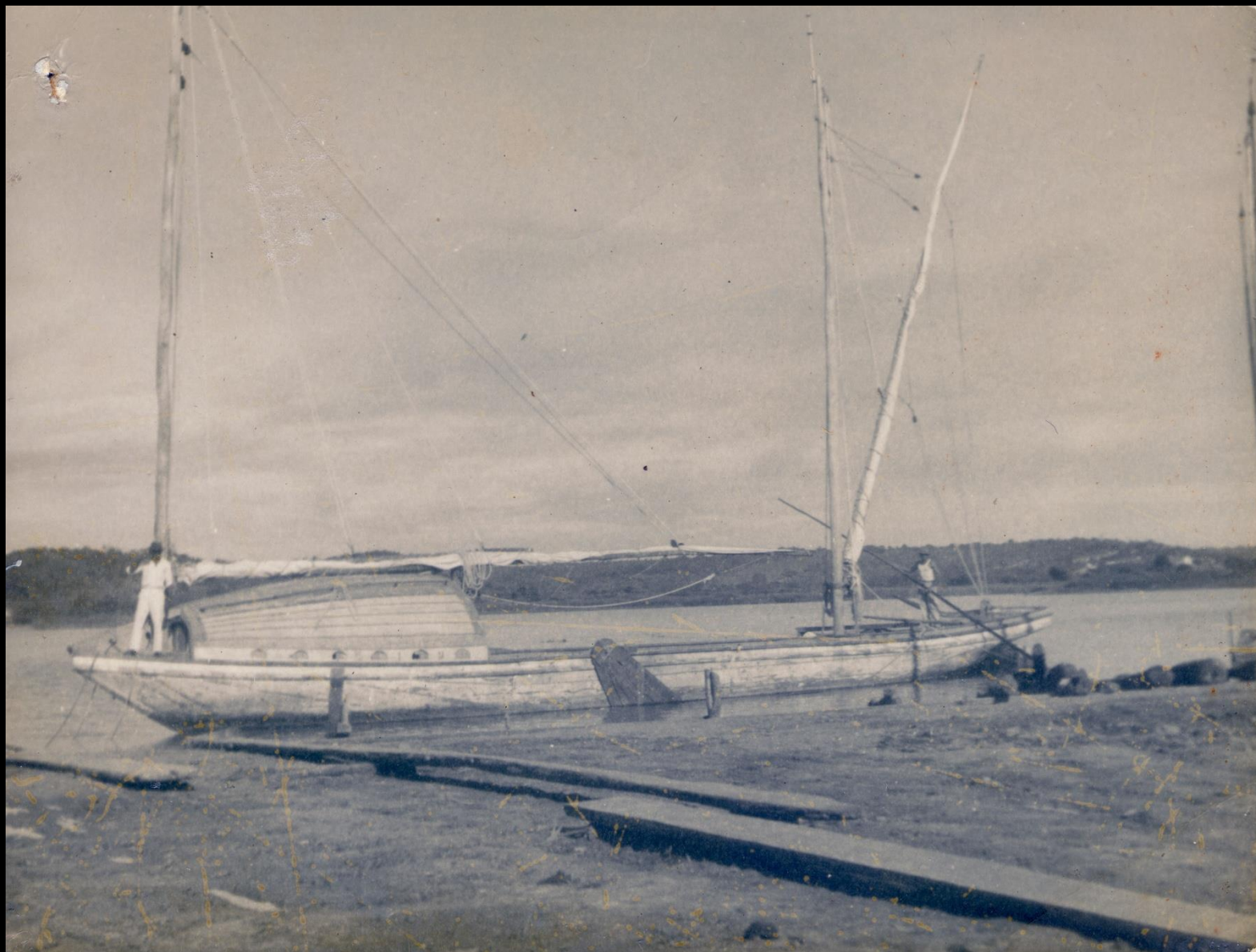
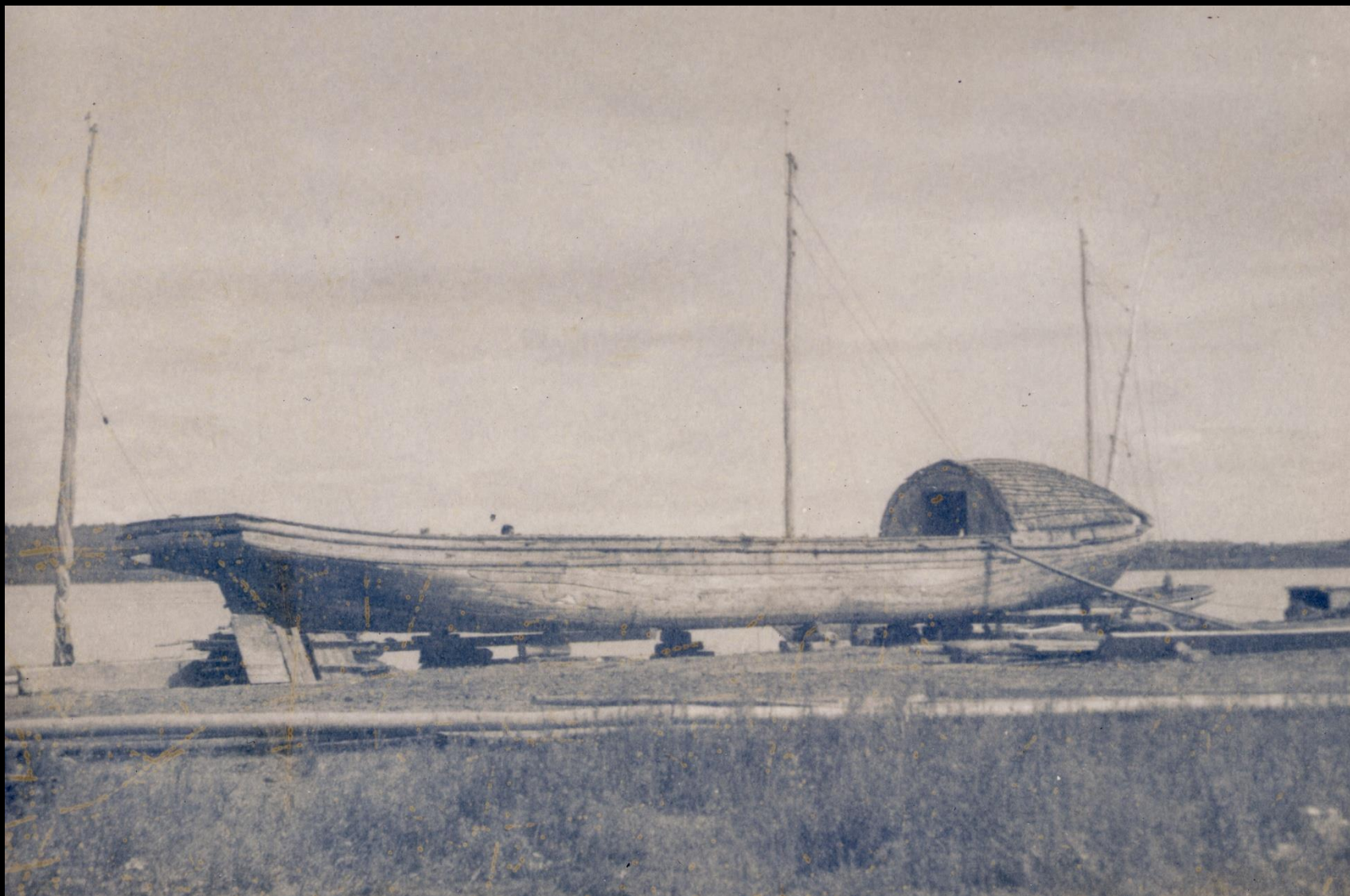



Imagem Arquivo Canoa de Tolda

Área de atuação
Ambas as margens do Baixo Francisco, entre a cidade de Piranhas Velha e a Foz.
ALAGOAS
SERGIPE
Piranhas
Mato da Onça
Ilha do Ferro
Pão de Açucar
Bonsucesso
Niterói
Ilha de São Pedro
Vila Limoeiro
Barra do Ipanema
Cazuqui
Traipu
Gararu
Tabanga/Maria Pereira
Escuriais
Bom Jardim
Borda da Mata
RIO SÃO FRANCISCO
Porto Real do Colégio
ARAPIRACA
Nossa Sra. da Glória
Propriá
Penedo
Saúde
Neópolis
Piaçabuçu
Potengy
Ilha das Flores
Brejo Grande
Saramém
Cabeço
BR 101
N
OCEANO ATLÂNTICO
km
0 10 20
Cartografia Canoa de Tolda

Projetos

- Projeto Margens
- Projeto Arapuá
- Projeto Canoa de Tolda
- Projeto Memória do Baixo São Francisco
- Projeto Banco de Dados do Baixo São Francisco
- Projeto Museu do Baixo São Francisco
- Programa de Educação/Recuperação Ambiental e Desenvolvimento Sustentado
- Projeto Rio de Baixo – Centro de Audiovisual do Baixo São Francisco
- Projeto Cine Beira Rio – Cinema Itinerante do Baixo São Francisco
- Projeto Rota das Canoas – Navegações Tradicionais do Baixo São Francisco
- Projeto APA da Foz do São Francisco
- Projeto A Margem – Informativo da Sociedade Canoa de Tolda e do Baixo São Francisco

A Luzitânia
Primeira Visão - 1997

1997

Luzitânia - A primeira visão, a montante de Gararu, SE

Imagens Arquivo Canoa de Tolda

Luzitânia – Ficha Técnica

Comprimento	16,80 m (casco, sem leme)
Boca (largura)	2,44 m
Pontal (profundidade do casco)	0,98 m
Calado (leve e carregada)	0,35 m/0,75 m
Área Vélica	67 m2
Deslocamento	250 sacos (60 kg) – 15.000 kg
Tripulação	2
Passageiros	22
Material do casco	Madeira (pequi, braúna, craibeira, angico, pau-d'arco)
Ano de construção	Provavelmente 1925, de acordo com depoimentos da região (ex-proprietários, ex-tripulantes).
Ano de aquisição pela Sociedade Canoa de Tolda	1999
Inicio das obras	2000
Lançamento após restauro	2007

Luzitânia – No início das negociações, em janeiro de 1998, no porto do Curralinho, Poço Redondo, SE.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

Quando começam as difíceis negociações para a compra da Luzitânia, seu estado já era muito precário. O proprietário ameaçava atear fogo, transformá-la em carvão, meter o machado. Como havia interesse de outras instituições pela canoa, no Brasil e no exterior, a Sociedade Canoa de Tolda, sem recursos e vendo o risco da embarcação deixar a região, deu inicio à tática de escondê-la. Ganhar tempo para obter a quantia necessária para o negócio. Em *coloio* com o Mestre Abel, a Luzitânia ora se movimentava de rio abaixo, ora de rio acima, para não ser localizada.

No Mato da Onça, Pão de Açúcar, AL, a Luzitânia passava a maior parte do tempo, com Mestre Abel e a comunidade a guardá-la. Enquanto isso, prosseguiam as negociações com o proprietário, que de forma precária mantinha linha de carga entre o sertão e Penedo, AL. A canoa viajava pela noite, para não ser apreendida pela Capitania dos Portos. Sua documentação estava completamente irregular.

1998

Ainda durante a negociação, o acompanhamento da canoa – em paralelo à diversas outras atividades na região - era permanente. Eram feitos detalhados registros fotográficos, anotações, esboços, gravações de depoimentos, muita conversa. Tudo para que, tão logo fosse possível, o restauro da Luzitânia fosse fiel a cada detalhe original da canoa.

Imagens Arquivo Canoa de Tolda

A Luzitânia, logo após a aquisição, no porto do Curralinho Velho, Poço Redondo, SE, nas últimas navegações antes do encalhe. O risco de naufrágio era permanente, pois além da maioria das cavernas estar comprometida, todo o tabuado do fundo se encontrava devorado pelos busanos (pequenos moluscos, como vermes, que vivem na região costeira). Conseqüência inúmeras das descidas à praia, na foz do rio, para carrego de sal nas salinas da Parapuca, SE.

Abel, filho natural de Pão de Açúcar, criado em popa de canoa, o último piloto embarcado na margem do Baixo São Francisco. Mais conhecido como Abel Aleijado da Luzitânia.

Durante cerca de 10 anos Abel navegou na Luzitânia, sem qualquer espécie de remuneração por parte do proprietário. Vivia pela canoa, pescava, tecia suas artes, calafetava (é um dos melhores calafates do sertão) colocava seus carregos na carga, e assim ia vivendo.

Durante todos os anos de 1998 e 1999, até a colocação da Luzitânia em terra, era tirando água da canoa dia e noite, enfiando trapos nas gretas e costuras do fundo, tentando tomar as águas da canoa. Ou ela se afundava. Graças ao esforço pessoal de Abel a Luzitânia não se perdeu.

...¨ ô xente, ô xente, ô xente...com fé em Deus, nóis há de ver a Luzitânia ajeitada, bonita...toda menina...de volta na margem do São Francisco...carregando o padroeiro nas festa de Reis, de Bom Jesus...de rio arriba, os pano aberto, um prum lado, outro pro outro...que nem um baleia...pois...Deus me dê força que eu chego lá ¨...

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

1999

A Luzitânia durante as últimas navegações, antes do encalhe definitivo. Porto do Curralinho Velho, Poço Redondo, SE

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

No porto do Curralinho Velho, SE

Imagens Arquivo Canoa de Tolda

No inicio de 2000, a Luzitânia sem mais condições de flutuar, o casco se abrindo sem possibilidade de se tomarem suas águas, era urgente colocá-la em terra no Mato da Onça, AL. Os mastros foram arriados e colocados debaixo do casco, para arrastar a canoa com menos esforço. Bolinas, estrados, tudo o que pesa é retirado. Juntar o povo, fazer força e empurrar a canoa.

Imagens Arquivo Canoa de Tolda

2000

Todos do povoado ajudando, a Luzitânia é arrastada para terra, onde, com segurança, teria sua forma original preservada.

A decisão foi tomada pois não havia outra alternativa, nem qualquer outro local ou meios para onde se levar a canoa.

Com a embarcação em terra haveria o tempo de serem buscados os recursos para a execução da obra.

Imagens Arquivo Canoa de Tolda

Devagar, mas sempre, a canoa foi sendo empurrada, deslizando sobre os dois mastros molhados. A mesma maneira de trabalho de sempre, palmo a Palmo, como desde o tempo em que as canoas se movimentam neste rio...

Com a Luzitânia já em posição segura, bem em terra, era fácil se perceber a gravidade de seu estado. O trabalho para deixá-la pronta a navegar não seria pouco.

Em poucos dias, com os busanos morrendo e apodrecendo dentro do tabuado, a bagaceira escorrendo pelos furos e gretas do casco, o mal cheiro não deixava qualquer cristão ficar a bordo.

Abel e Avelardo, proprietário do terreno onde foi deixada a Luzitânia, onde seria montado o estaleiro para a obra. Carpinteiro naval, mecânico, eletricista, tocador de cavaquinho...Avelardo também foi canoeiro na linha do sertão para a praia. ...¨ *andei muito em popa de canoa...desde menino, daqui pra praia, da praia pro sertão...levava tijolo, daqui mesmo, do Mato da Onça, do Pantaleão...tinha muito forno...telha...levava também lenha, tonelada, embu...pedra lá da Tabanga...ome...era uma vida boa...tanta canoa nesse rio...a gente parava em Propiá...dinheiro no bolso...se arrumava e ia pro cinema...ome...era bom demais...o rio enchia...tinha arroz, milho, feijão, não faltava nada na casa de ninguém...e quero ver a Luzitânia, com fé em Deus, de volta na margem do São Francisco...eu ainda vou ver isso...pra matar a saudade...*¨

Mestre Nivaldo, da Ilha do Ferro, Pão de Açúcar, AL. Último grande mestre carpinteiro naval de canoas de tolda do Baixo São Francisco.

...¨ onde tinha trabalho, seja de rio abaixo, seja de rio arriba, arrumava o caixão com os ferro, e ia...num tinha mal tempo, domingo, feriado...só voltava pra casa com o serviço terminado...ficava por ali mesmo, no beiço do rio...fazia uma latada por riba da canoa... tinha um fogo, botava um feijão, uma charque...um café...assava um piau, pilombeta e se vivia...trabalhei muito nos Escuriais, pra Tonho Carmelo, pai dos menino lá da balsa de Piaçabuçu...pra Tonho Caboco, da Oriente... o povo conhece ele por Tonho da Lancha...de ferramenta era a enxó, martelo, formão, serrote, a goiva...tinha o machado, prá desdrobra a madeira...hoje carpinteiro quer tudo na máquina...naquele tempo era abrir furo pra cavilha de meia, de cinco oitavo, no pranchão de três, quatro polegada, caverna de braúna...tudo na mão, no trado...a tora de pau era no serrotão...quero ver hoje um carpinteiro encarar um serviço deste...a Luzitânia, a gente faz...é trabalho, mas a gente faz...é lenha, viu... mais fica bom...¨

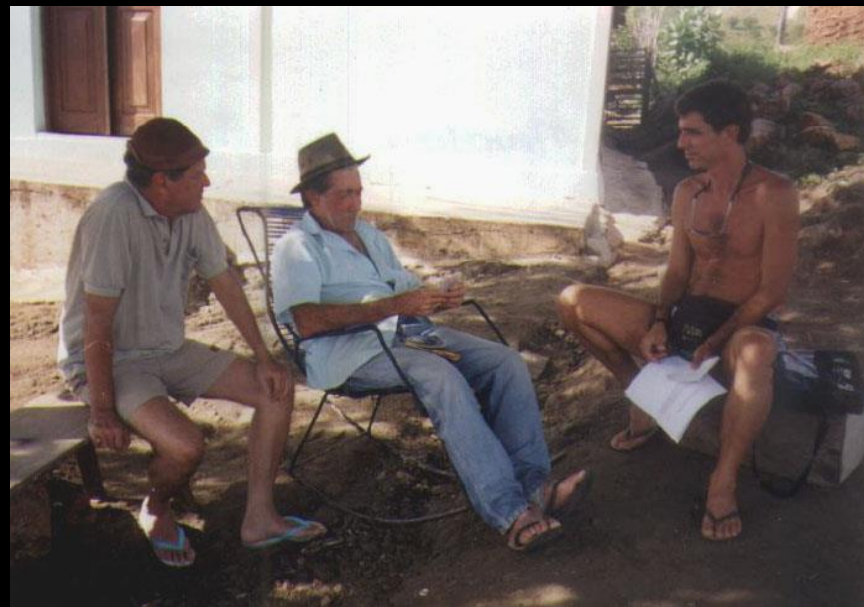
Imagem Arquivo Canoa de Tolda

2000/2001

Todo o material da canoa foi guardado: moitões, ferragens, cabos.
Além do casco, que agora podia ser bem documentado, todas as peças foram catalogadas, medidas, fotografadas e desenhadas para posterior fabricação.

A avaliação era desanimadora: todo o casco estava comprometido. Nada se salvaria. Apenas algumas cavernas. Foram aproveitadas duas casas (dois pares), de um total de vinte e duas casas.
A Luzitânia foi calçada e nivelada para não se deformar.
Desta maneira, moldes das cavernas – moldados em vergalhão no próprio local – seriam feitos com toda precisão mais tarde.

Entre 2000 e 2001, a busca por recursos para se fazer a obra. Quando se tinha alguma verba, alguma coisa era comprada: um pouco de madeira, as cavernas, uma peça... Uma espera difícil.
Em paralelo, Mestre Nivaldo lavrava e aparelhava as cavernas de braúna, que ficaram 3 meses debaixo d'água para uma cura perfeita da madeira. Quando retiradas e secas, a zoada era o mesmo que ferro sendo malhado na bigorna.

Imagens Arquivo Canoa de Tolda

No início de 2002, com a obtenção de alguma verba, chega o primeiro carregamento de madeira: uma carreta com pranchões de pequi, vindos do Pará – já não há mais madeira na região - com 8 e 15 cm de espessura, para o fundo, colos e embonações (costados). Eram peças longas com 7 a 8 m de comprimento, para diminuir ao máximo o número de emendas.

Finalmente, também acontece a negociação do trabalho com M. Nivaldo, da Ilha do Ferro, povoado de Pão de Açúcar, abaixo do Mato da Onça. Tudo corre muito bem, todos ficam satisfeitos.

...¨ vamos trabalhar, Mestre?...chegou a hora ¨...¨ *pois... bora dá um jeito nessa canoa...deixá ela boa*¨...

Imagens Arquivo Canoa de Tolda

Estaleiro da canoa Luzitânia, no Povoado do Mato da Onça, Pão de Açúcar, AL. Debaixo da lona, com sol e chuva, de verão a verão, dentro da canoa, se vivia. Ali se dormia, se contavam histórias – grande contador esse M. Nivaldo -, se sonhava com a canoa pronta, no movimento sertão-praia, praia-sertão, e onde mais desse vontade. Era a derradeira escola viva da arte de se fazer uma boa canoa.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

Estaleiro da Luzitânia após a cheia de 2003. Entre 2003 e 2005, durante os meses de verão, após uma longa estiagem, todos foram surpreendidos com a abertura dos vertedouros da Barragem de Xingó. As comunidades não foram devidamente preparadas para tal. Em poucas horas o rio subia mais de 4 metros, tudo derrubando e arrastando. Durante várias semanas, nas três enchentes, a canoa permaneceu submersa.

Estaleiro da Luzitânia reconstruído após a cheia de 2003. As paralisações na obra eram longas, atrasando muito o cronograma do projeto. Peças eram perdidas – pela leva das águas, ou danificadas - , trabalhos tinham de ser refeitos. E o ânimo não podia faltar.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

Estaleiro da Luzitânia após a cheia de 2004. Tudo reconstruído pela segunda vez. Agora com maior dificuldade.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

CANOA DE TOLDA
SOCIEDADE SOCIOAMBIENTAL DO BAIXO SÃO FRANCISCO

Limpando a canoa, cheia de lama, barro, e juntando os destroços após a cheia de 2004. Ainda assim, não era a hora de desistir. Muitos diziam: ...*" essa canoa não vai ficar pronta nunca, omi... isso é coisa de quem num tá bateno bem...se acabá mode um objeto...¨*

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

A Luzitânia sendo colada e impregnada com resina epóxi, fevereiro de 2005. O nível e as vazões dos reservatórios de Sobradinho e Itaparica estavam altos. No entanto Xingó não teve vazões gradativamente aumentadas. O risco das comportas serem abertas como em 2003 e 2004 era grande. Aproveitando o bom tempo, no início de fevereiro de 2005 a Luzitânia teve o trabalho acelerado.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

No dia 12 de fevereiro de 2005, a Luzitânia foi deixada quase que pronta para flutuar, em caso de subida do rio. Por razão de compromissos fora do Mato da Onça, era necessário se ausentar.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

Em 17 de fevereiro de 2005, as comportas de Xingó são abertas para descarga das vazões crescentes vindas de Itaparica e Sobradinho. Pela terceira vez o estaleiro foi destruído. Era hora de serem tomadas decisões muito importantes. Salvar a canoa, os anos de trabalho, e obter o ressarcimento dos prejuízos para acabar o restauro. Tudo deveria ser feito muito rapidamente.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

Cheia de 2005

Graças a amigos no Mato da Onça, em particular Avelardo e Mané do Bebedor – que, com o rio subindo sem parar, iam recolhendo materiais, gerador, tábuas, peças, tudo o que pudesse ser recuperado – o prejuízo não foi maior.

Era hora da Luzitânia ir para um local seguro. A escolha foi Brejo Grande, SE, bom porto, mais segurança em caso de cheia, e, nesta fase da obra, proximidade de locais para fabricação de peças e compra de materiais.

O resgate foi sendo preparado.

Enquanto isso, também se tentava contato com a operadora das barragens no Recife - aproximadamente 30 dias de espera para se conseguir audiência – pois era indispensável negociação de ressarcimento. O que finalmente ocorreu, como patrocínio parcial do projeto.

Não tivemos qualquer sucesso com as empresas públicas da região, as únicas que dispunham de equipamento pesado para promover o resgate: rebocar a canoa, retirá-la da água, transportá-la numa grande carreta para Brejo Grande.

Mas, na margem, ainda existem canoeiros fiéis a tradição da solidariedade...

¨ *Canoeiro tem de ajudar canoeiro...arranje o óleo, dê um reforço para meu irmão Baixinho, que pilota a lancha de papai, que a gente vai lá pegar a canoa...ela não pode se acabar desse jeito...me diga o dia que eu chego lá com a lancha...*¨ nos disse Zé da Balsa, filho do finado Tonho Carmelo, dos Escuriais. E assim foi. De quem menos podia, veio a mão estendida. Contas feitas, cofre rapado, consegui-se o óleo, uma parte para o Baixinho, marcou-se a data do encontro.

Um dia antes da data, a Luzitânia estava pronta: 4 buques de 200 litros enfiados na proa e numa travessa na boca da tolda, aumentando a flutuação e estabilizando a canoa. No Mato da Onça, o desânimo em ver a canoa partir: ...¨ *você vai e não volta mais...a canoa não volta mais nunca* ¨...

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

No dia e hora acertados, em março, a lancha Luz do Dia aporta no Mato da Onça. Para vir de Piaçabuçu, AL, onde tem sua balsa, Zé da Balsa conseguiu a ajuda do amigo Alcides da Fundição, com seu carrinho lambreta. Pois vieram rasgando as rodagens pelo sertão até Gararu, SE, onde Baixinho os esperava com a lancha. O carrinho embarcado na capota da Luz do Dia, e tocar para riba. A Luzitânia foi amarrada à popa da lancha, e a voadeira de alumínio da Canoa de Tolda, pelo costado. O resto do material, tudo a bordo.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

Dentro da Luz do Dia, todo o material da obra, descendo para Brejo Grande. Foram apenas 2 noites de porto para descanso: Vila Limoeiro e Penedo. Três dias de rio abaixo.

Cheia de 2005

No sertão o tempo não estava favorável. Muito vento, chuva, provocando rompimento das amarras, descontrole da canoa. Foi estabilizada com tábuas amarradas na popa, como lemes.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

O tempo se acalmou, já perto da foz. Por onde se passava, gente nas margens, para ver a canoa passar: *...¨ uma canoa de tolda...é a canoa do sertão...é a Luzitânia...Deus queira que volte por cá...Deus queira...uma canoa bonita assim, não pode se acabar desse jeito ¨...*

Imagens Arquivo Canoa de Tolda

Se o tempo era favorável, a puxada ia até tarde da noite, para se ganhar tempo.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

Cheia de 2005

Já mais perto do ponto final, abaixo de Propriá, SE.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

Retirada da canoa Luzitânia da água, no porto da Marinha, Brejo Grande, SE, em março de 2005. Tudo teve de ser feito muito rápido, para que os busanos não penetrassem no casco. Também ali os amigos não faltaram, como S. Sam, pequeno plantador de arroz, que possibilitou toda a estrutura para o içamento.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

Retirada da canoa Luzitânia da água, no porto da Marinha, Brejo Grande, SE, em março de 2005.

Retirada da canoa Luzitânia da água, no porto da Marinha, Brejo Grande, SE, em março de 2005.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

2005

A Luzitânia a salvo, em terra, esperando a continuação dos trabalhos.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

Em maio, preparação do estaleiro provisório, para a continuação do restauro, e possibilitar a vinda de Mestre Nivaldo do Sertão.

As negociações com a operadora das barragens foi bem sucedida, foi feito um bom acordo, a Luzitânia seria finalizada.

No final de maio, uma surpresa: o Prof. Josué, do EJA – Educação para Jovens e Adultos coloca a Luzitânia como tema de aula de campo e de diversos trabalhos, com apresentação pelas turmas em uma grande festa cultural, no São João.

Toda a organização da festa foi inteiramente feita pelas turmas da escola e comunidade em geral.

Imagens Arquivo Canoa de Tolda

A Luzitânia seria a rainha da festa.

Estaleiro, canoa, rua, porto, tudo foi limpo, arrumado pelas turmas. Não houve qualquer interferência de poder público.

Imagens Arquivo Canoa de Tolda

2005

A Luzitânia e o estaleiro foram integrados como base da exposição dos trabalhos.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

2005

Nunca, em Brejo Grande, aconteceu manifestação assim. Um arrastão pela cidade, com bandas, batuques, palavras de ordem pelo rio São Francisco, pela canoa Luzitânia...o porto cheio, mas todos em paz...quadrilha Luar do Sertão, maracatus de Da. Lila e de S. Adauto do Brejão, neguinhos de Guiné, banda de lata, projeção do Cine Beira Rio, capoeira...

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

Tudo isso, tanta alegria, apenas por causa de uma canoa.

Imagens Arquivo Canoa de Tolda

2005

A vida prosseguiu. Os trabalhos continuam. Foi finalizado o estaleiro provisório, seguindo fielmente o padrão das tradições da margem. Era ponto de encontro de pescadores, barqueiros, das lavadeiras, crianças, viajantes, turistas. O porto voltou a uma vida que não conhecia há tempos.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

2005

Mestre Nivaldo e João Paulo, jovem estagiário aprendiz, no trabalho de restauro da Luzitânia.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

2005

Imagens Arquivo Canoa de Tolda

Mestre Nivaldo alinhando o beque de proa – peça vital para o suporte do mastro de proa. As ferramentas são poucas. A sabedoria, o bom senso, astúcias...em quantidade...e profundos...

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

A Luzitânia sendo impregnada interna e externamente com resina epóxi, para total proteção da obra. Em todas as junções foram feitas as simulações de retração de calafeto tradicional de cal e óleo de mamona. Nada foi lixado a máquina. Apenas as marcas do ferramental manual.

2006

Ao mesmo tempo, outras frentes de trabalho. Em Piaçabuçu, do outro lado do rio, nas Alagoas, a cargo de S. Alcides, era feita a preparação do bronze para a fundição. Este material seria para as roldanas dos moitões, exatamente como há quase 100 anos atrás.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

A sucata do bronze, em pedaços, era colocada no caneco de fundição aos poucos, a medida que o material ia se derretendo.

2006

O bronze no fogo, o molde aguardando, enterrado no chão, a hora de ser enchido.

2006

Adicionando mais bronze para a fundição das roldanas dos moitões da Luzitânia.

2006

Limpando a borra do bronze, para garantir uma melhor liga, mais pura.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

Seu Alcides, único fundidor do Baixo São Francisco, preparando a operação de derrame do bronze derretido dentro dos moldes. Não é coisa de menino.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

2006

Preparando a tenaz para a retirada do caneco do fogo.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

2006

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

2006

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

Entornando o bronze derretido nas formas.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

Acabamento e montagem dos moitões.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

2006

Acabamento e montagem dos moitões.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

S. Lula, 90 anos, mestre ferreiro de canoas, o último do Baixo São Francisco, em Piaçabuçu, AL. *...¨é uma honra para mim poder fazer as peças da Luzitânia...tem uns trinta anos que não faço ferragem de canoa...será que vou me lembrar?...a gente fica velho e fica um pouco esquecido...psiu...só espero não lhe desapontar...vá me desculpando...só tem um detalhe... eu não gosto de trabalhar com fogo no segundo horário...não faz bem...¨* Pois S. Lula domina o fogo e o ferro, como um joalheiro, e tanto nos ensinou, nos detalhes, espertezas, para que a canoa ficasse perfeita. Pois em sua memória, nada foi esquecido.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

2006

S. Lula trabalhando na forja, fazendo o ferro chegar ao ponto, para que fique macio.

É desde menino que se dedica a esta arte.

Trabalha só, não tem aprendizes.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

2006

S. Lula malhando o ferro, na bigorna, para chegar á forma adequada.

Com calma, uma precisão bonita, a peça fica exatamente como se quer, como se deve ficar.

Ou é o certo, ou não é.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

No início de 2006, problemas com a prefeitura local, que remove o estaleiro em razão de uma obra de reforma na área do porto. Há divergências, e a prefeitura instala uma cerca de arame farpado, impedindo o acesso ao estaleiro. A cerca fazia parte do projeto, segundo a prefeitura. O estaleiro é transformado em uma barraca completamente desordenada. As condições de trabalho são péssimas, comprometendo a programação.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

O estaleiro tradicional, que buscava uma presença integrada ao local é desmantelado. O pessoal da remoção, por diversas vezes, os rapazes constrangidos, nos pede desculpas ...¨*a gente não queria fazer isso com vocês...mas os homem mandou esticar os arame...a gente vai sai na foto é?...*¨

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

O estaleiro da Luzitânia isolado.

Mesmo com o estaleiro da Luzitânia isolado, o trabalho vai prosseguindo sob condições difíceis. O caminho foi a promotoria, que numa situação inédita no local – cidadão X poder público - estabelece a imediata retirada dos arames.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

2006

Mas o estrago estava feito. A espera, as audiências na Promotoria, as relações tensas com a prefeitura, tudo foi atrasando os trabalhos. As chuvas chegaram, fortes, impedindo o acabamento da canoa. Durante o inverno de 2006, muito pouco pode ser feito.

A retomada do ritmo só foi possível já no segundo semestre.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

2006

Pedro de Aristides, mestre veleiro, derradeiro cortador de panos do Baixo São Francisco, de Penedo, AL. *...¨ eu faço o pano dessa canoa...num é a Luzitânia?...pois...fui que fiz os pano véio...os dois traquete...foi até Abé Aleijado que veio aqui, mais Fernande, o dono da canoa...pense num cabra manhoso, aquele aleijado...é bom piloto...cozinha até que bem...mas é cheio das astúcia...pois...compre a fazenda...tem de ser do algodão bom, do grosso...ou os pano num aguenta a refrega...pois...venha prã cã que a gente corta...depois vou costurando...num precisa de medida não, tã tudo aqui na cabeça...tenho 85 anos mas o sentido ainda é bom...¨*

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

Fevereiro de 2007. Cheia e maré grande num mesmo tempo: bom para ajudar no momento da volta às águas do São Francisco. Limpeza da canoa, preparar os calços, deixar tudo pronto.

Fevereiro de 2007. Preparação de todo o material para o retorno ao rio.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

Fevereiro de 2007. Limpeza da canoa e preparativos finais, todos colaborando.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

2007

Véspera do lançamento, tarde da noite. A canoa está pronta, o tempo do movimento na margem está mais perto.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

2007

Dia do lançamento. A maré crescendo, chegando, rio cheio: tudo perfeito para o lançamento.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

Dia do lançamento. Pintura da tinta venenosa para proteção do fundo.

Dia do lançamento. Arriando a canoa dos calços, para a posição de lançamento - sobre colchão de toros de bananeiras, para escorregar, empurrar sem magoar o casco, sem usar força bruta.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

Lançamento

CANOA DE TOLDA
SOCIEDADE SOCIOAMBIENTAL DO BAIXO SÃO FRANCISCO

2007

Tingindo os panos da Luzitânia com ocre. São dois dias de molho, mexendo, virando.

Imagens Arquivo Canoa de Tolda

Carregando os mastros da canoa na carroça de burra de Desenho, para o porto, onde vai ser feita a colocação. O encarregado da instalação da energia rural vai ceder o caminhão com o guincho e sua equipe, na hora do almoço. *...¨vi na televisão a história dessa canoa...a gente tem de ajudar uma coisa bonita assim...tem gente que não dá valor...mas é uma coisa tão bonita...prepare tudo que na hora do almoço a gente tá lá¨...*

2007

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

2007

Colocando o mastro de popa.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

Primeiros Bordos da Luzitânia

Restabelecendo a rota Brejo Grande/Piaçabuçu/Cabeço

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

2007

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

Retomada da vida a bordo.

2007

Primeira navegação. Porto do Cabeço, na foz do São Francisco, em Brejo Grande, SE.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

2007
242-009016-1 E-3-1
LUZITÂNIA
Imagem Arquivo Canoa de Tolda
CANOA DE TOLDA
SOCIEDADE SOCIOAMBIENTAL DO BAIXO SÃO FRANCISCO

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

2007

CANOA DE TOLDA
SOCIEDADE SOCIOAMBIENTAL DO BAIXO SÃO FRANCISCO

MINI VÍDEO 1

Primeiros Bordos da Luzitânia
Restabelecendo a rota Brejo Grande/Piaçabuçu/Cabeço

Imagens Arquivo Canoa de Tolda

2007

MINI VÍDEO 2

Primeiros Bordos da Luzitânia

Restabelecendo a rota Brejo Grande/Piaçabuçu/Cabeço

Imagens Arquivo Canoa de Tolda

CANOA DE TOLDA
SOCIEDADE SOCIOAMBIENTAL DO BAIXO SÃO FRANCISCO

MINI VÍDEO 3

Primeiros Bordos da Luzitânia
Restabelecendo a rota Brejo Grande/Piaçabuçu/Cabeço

Imagens Arquivo Canoa de Tolda

Primeira Missão – Restabelecimento da Rota Brejo Grande/Piaçabuçu/Propriá

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

2007

Primeira missão da Luzitânia, subindo para Propriá, SE.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

2007

Primeira missão da Luzitânia, chegando a Propriá, SE.

Imagens Arquivo Canoa de Tolda

MINI VÍDEO

Primeira Missão da Luzitânia

Restabelecendo a rota Brejo Grande/Piaçabuçu/Propriá

2007

Imagens Arquivo Canoa de Tolda

2007

Primeira missão da Luzitânia, no porto de Propriá, SE.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

Primeira missão da Luzitânia, no porto de Propriá, SE.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

2007

Primeira missão da Luzitânia, no porto de Propriá, SE, o trabalho de Vagner, um dos aprendizes embarcados. A rotina diária de bordo faz parte do currículo.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

2007

Primeira missão da Luzitânia, no porto de Propriá, SE. Testando sistema de comunicações e transmissão de dados.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

2007

Porto de Propriá, SE. Encontro com Fernandes de João Pidoca, do Curralinho, último proprietário da Luzitânia. Hoje transporta carvão e lenha em barco que construiu com tábuas. ...¨Ô Fernandes, chegue aqui, vem ver a canoa, como ficou bonita ¨. *...¨é, ficou boinha...¨*, mas vem cá, Fernandes, suba nela, venha ver, afinal já foi sua¨ *...¨já vi daqui...tá bom assim...¨*

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

2007

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

2007

Primeira missão da Luzitânia, em Propriá, SE. Daiane, estagiária tripulante, encarregada do caixa de bordo.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

No porto de Propriá, SE, preparando a descida para a base, em Brejo Grande, SE.

Imagens Arquivo Canoa de Tolda

A Luzitânia rebocada pela lancha de apoio, bem cedo pela manhã, voltando para a base em Brejo Grande, após a missão em Propriá.

Imagem Arquivo Canoa de Tolda

Agradecimentos

A todas as pessoas amigas da margens, mulheres, homens e crianças, que durante todos estes anos de movimento incessante, de alguma forma contribuíram para que a Luzitânia voltasse ao seu rio...

Mato da Onça

Da. Antonia – Leidinha – Iracy – Clóvis – Didia – Juciê – Sidney – Lourdes - Nadieje – Arnaldo - Nenem
Da. Creuza – S. Romão – Leda – Carlinha – Wanderléia - Régis – Raiane – Raila – S. João Isidoro
Rosélia - Alciane – Netinho – Rosinha - Aldair – Weldom – Wellington – Gilvan – Maria de Rita – Rosa
Gilberto - Neguinho - Ana Marcia - Da. Cabocla – Avelardo – Vabelson – Neguinha – Mané do Bebedor – Abel
S. Roque - Finado Zé de Rita – Finado S. Ciço

Curralinho

Ceição – Lili – Danúbio – Manézinho de Irene – Bezerra – S. Anísio Resador

Ilha do Ferro

Mestre Nivaldo – S. Agripino – Nonô – Zé Bobô – Da. Jura – Gila - Tonho
Finado Fernando -Tonho de Maneca – Nero – Zé Preto

Fazenda Conceição

Da. Nida – Ivaneide – Marcio – Maurício – Juroca - Maise

Bonsucesso

Mestre Aurélio – Da. Deuzinha – S. Tonho de Frito – Salú – Da. Marluce – Clécia – Diminhas
Carlinha - Brena- Da. Mazé – Tonho de Rosa – Omão – Franquinho - Gidalvo

Entremontes
Da. Zefinha – Clécia – Hugo – S. Erasmo – Evilardo – Aldinho – Tonho – Da. Maria Padre Cícero

Niterói
Neto – Da. Sueli – S. Olavo – Lena – Olavinho – S. Pedro Galo – Miguel – Burrega – S. Orlando
Evaristo – S. Toinho – Maria – Aninha – Neide – S. Dedé – Da. Edileuza – Elias – Adelson do Ônibus
Ronaldo do Ônibus – Ciço do Ônibus – Galileu – Jackson – Cacá - S. Janio

Pão de Açúcar
Da. Guia – Nem – Pedrinho da Farmácia – Glicia – Cicinho Mangueirinha – Zé Francisco – Rubinho – Maria do Sabão – Aninha – Marli - Chiquinho Místico – Da. Leda Lins – Hélio Fialho – Etevaldo – Waléria
Waldick – Luis da Lancha – Zacarias - S. Raul – S. Leônidas

Ilha de São Pedro
Goinha – Profa. Nadja – Da. Zezé – Marilene – Da. Magnólia - Heleno
Profa. Edvalda - Da. Dadinha – Da. Evalda - Delmiro - Neneu

Vila Limoeiro
Erivan – Raimundo – Euclides
S. Chico Marceneiro

Barra do Ipanema
Sheila – Natália – Da. Marinalva
Isabel - Anfrísio

Cazuqui
Danieire

Genipatuba
S. Antonio Macedo

Riacho da Maria Pereira na Tabanga
Da. Maria Deildes – S. Zé da Serra

Escuriais
Maguinho da Sucam – Baixinho da Luz do Dia - Elisio

Riacho da Maria Pereira na Tabanga
Da. Maria Deildes – S. Zé da Serra

Munguengue
Marilene e Joelma

Tibiri
Pedro Carpinteiro (da Iris Raiane)

Penedo
Mestre Pedro de Aristides – Finado Zé Pezão da Tolda Daniella
S. Antero – Giselmo – Anselmo

Neópolis
Da. Cédila – Zé Luis – Aléssio

Piaçabuçu
Zé da Balsa Estrela Guia – Quebra Mola – Eraldo - Mimi – Durinho da balsa Nova Estrela – Araúna da Nova Estrela
Mestre Lula Ferreiro – S. Alcides da Fundição – S. Valdo – S. Chico do Cartório – Helder do Cartório
Erisvaldo e Geraldo da Oficina do Junior – S. Aluisio do bar do porto do gêlo – Dôca – Mira Dantas - Bossa Nova

Brejo Grande
Adriana – Daiane – Roziana – Tercília – Marta – Vagner – Bia – Damião - S. Sam – Suelington – Ceição - Jailton
Big Man João Paulo – Beto do Zebedeu – S. Aluísio Bonitinho – Calango Tratorista - S. Zé da Modesta – Finado
Xexéu Carroceiro - Finado Paulo da Bandeirante – Chiole da Banda Sta. Cecília - Nêgo – Prof. Josué – Mestre
Claudio Aldo – Quêda - Isaac - Mané Galo Prêto – Catcheca - Neguinha – Valdenilson – Wanderley – Edna
S. Zé Menino de Manga Rosita – Dinha - Fazinho

Também o pessoal de mais longe, Aracaju, Maceió, Salvador, Ilhéus, Recife,
Brasília, Rio de Janeiro, São Luiz, São Paulo...
Ana Rieper – Marcelo Rangel – Luiz Phelippe Andres – Dalmo Vieira Filho – Patrícia Reis – Heitor Chaves
Ruy Lobão – Adler de Castro – Ana Paula – Carla Suzanne – Claudia Leão – Ashton Vital Brasil – Fernando
Vinicius – Chico Lyra – Gilton Argolo – Jader Pereira – Silvia Carvalho – Graça Melo – Ronaldo Fernandes
Ronaldo Jucá – Carine – S. Júlio – João Lara Mesquita – Marcio da Rodoviária de Aracaju

Projeto Iris Raiane

Restauro e armação da chata de 60 sacos ¨Iris Raiane¨

projeto em implantação

2004

A chata Iris Raiane, navegando abaixo do Bonsucesso, SE.

2003

Chata Iris Raiane, navegando ao largo do Bonsucesso.

2005

Chata Iris Raiane, no porto da Ilha do Ferro, AL.

Projeto Iris Raiane

restauro e armação de chata de 60 sacos

Atualmente a chata Iris Raiane se encontra em terra para que não seja perdida. O projeto de restauro, a ser executado exatamente como o da canoa Luzitânia, está aguardando a captação de recursos para a sua implantação.

A Iris Raiane é um dos dois últimos exemplares remanescentes deste tipo de embarcação de médio porte no Baixo São Francisco.